

EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

| | |
|--|--|
| INSCRIÇÃO | 00069 |
| INSTITUIÇÃO | Universidade Federal de Mato Grosso |
| CAMPUS | Cuiabá |
| CIDADE | Cuiabá |
| UF | MT |
| CATEGORIA | PT |
| MODALIDADE | PT04 |
| TÍTULO | No tempo, na pele e no fervor: o registro de quem carrega nas linhas do corpo a história do movimento Drag em Cuiabá |
| ESTUDANTE-LÍDER | Marcos Vinícios Fagundes Salesse |
| CURSO ESTUDANTE-LÍDER | Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo |
| COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS: | Tamires Ferreira Coêlho (Universidade Federal de Mato Grosso) |

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Na busca por uma imagem que pudesse sintetizar as múltiplas realidades das "Divas Cuiabanas", precursoras da arte Drag em Cuiabá, capital de Mato Grosso, nasce o trabalho fotográfico "No tempo, na pele e no fervor". Composto a capa da sexta edição da revista laboratorial Fuzuê, feita por alunos do sexto e sétimo semestres do curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o registro também se apresenta como um dos processos de construção da reportagem "Divas Cuiabanas", publicada na revista, que coloca em foco o trabalho dos artistas que popularizaram a arte da montagem em território cuiabano. Protagonizando pela drag Elza de Brasil, o projeto é fundamentado na possibilidade de utilizar elementos presentes na pele do artista como mecanismo de construção afetiva das duas décadas de história das Drag Queens na capital. Para além de subsidiar os recursos visuais da capa do produto laboratorial, este projeto foi utilizado como mediação entre repórter e artista durante a entrevista que resultou no perfil "Lá Vai a Elza", também veiculado na revista Fuzuê. Enaltecendo sua brasilidade desde o nome, Elza é uma das maiores referências no que tange à vida noturna em Cuiabá e carrega em sua carreira o nascimento e fortalecimento dos principais pontos de resistência cultural dos também conhecidos "homens de peruca": a Zum Zum Bar Disco, inaugurada em 2004 como um dos primeiros espaços fixos voltados para a população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais e outras), e a Queen Club, única casa noturna que ainda recebe e fomenta o trabalho das Drag Queens na região metropolitana de Cuiabá. É válido ressaltar que o Bar Disco encerrou suas atividades em meados de 2014, após 10 anos de atividade. Nascido no Maranhão, o artista que dá vida a Elza de Brasil pouco se identifica com seu nome de registro, propondo dessa forma uma performance de gênero que questiona o formato binário que separa homens e mulheres. Tendo sua primeira referência Drag nas telas do cinema, com a produção "Priscilla, a Rainha do Deserto", de Stephan Elliott (1994), Elza ganhou vida quando seu criador fincou raízes na capital mato-grossense e deu asas ao que sempre sonhou: ver no seu corpo aquilo que até então era apenas cena de filme. A partir da trajetória do artista e pensando em evidenciar a quebra do padrão binário de gênero, cria-se neste trabalho um registro sensível do momento em que Elza inicia sua transformação. Entre uma mão que finaliza a maquiagem e o roupão de cetim que encobre um dos ombros, temos na fotografia a possibilidade de desvendar todas as manifestações artísticas que, juntas, constituem a persona Elza de Brasil. A construção imagética do trabalho teve como inspiração as capas das revistas Vogue e Paper, além das expressões corporais presentes no Vogue New Way, estilo de dança popularizado na década de 80, durante os Ballrooms, espaços de resistência da cultura LGBTQIA+ negra em Nova York (EUA). A inserção do tema em um projeto que nasce nas salas da UFMT indica uma ruptura com as convenções conservadoras que perpassam as relações sociais e que também são vistas nas vivências encontradas dentro dos muros da universidade. É possível afirmar que, diante deste trabalho fotográfico, reivindica-se uma demanda urgente de valorização dos corpos tidos como "anormais" e, conseqüentemente, colocados em uma periferia epistêmica e de mercado. Em movimentos como este trazemos para perto as múltiplas realidades que compõem o meio social, abrindo espaço para o protagonismo de expressões artísticas que antes habitavam apenas as esferas do anonimato. Mais do que celebrar a vida de um LGBTQIA+, o trabalho tem como objetivo simbolizar o movimento de luta para a humanização de personagens invisibilizados.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

A pesquisa para construção deste trabalho foi fundamentada em três eixos principais: o tempo, a pele e o fervo. Os eixos foram pensados durante a apuração da pauta que resultou no ensaio fotográfico, observando que os três recortes que perpassam o trabalho do artista poderiam ser representados utilizando os recursos e elementos de construção imagética. "O tempo andou riscando meu rosto com uma navalha fina, sem raiva nem rancor", anuncia a escritora Viviane Mosé, na poesia "O Tempo", presente no livro "Pensamento Chão" (Ed. 7 Letras, 2001, p. 20). Construindo um espaço poético para falar sobre as marcas que só o tempo deixa na pele, busca-se nesta representação fotográfica ilustrar, em cada linha de expressão, a trajetória de resistência de um artista que rompeu as barreiras de gênero, de expectativa de vida e carreira em uma capital que já foi considerada a mais LGBTfóbica do país, como apontam os dados do Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais no Brasil, feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2014. Pelas raízes do tempo também rememoram-se vivências de quem esteve presente nos primeiros movimentos de construção e consolidação da arte Drag em Cuiabá, seja nas festas realizadas em galerias de arte, que serviam como espaço de festejo para o público LGBTQIA+, ou na Zum Zum Bar Disco, local onde Elza deu seus primeiros passos profissionais e permaneceu até "A Última Dança", festa que marcou o encerramento da casa em 2014. "E qual será o lugar da luz quando a referência que desejamos é escura?", questiona o fotógrafo e performer Leandro Cunha, no artigo de opinião "Estudo para fotografias de pessoas com pele preta", publicado em seu site, na plataforma Medium (2019). Munido desta indagação, cria-se neste trabalho uma inversão da lógica de importância dada à luz branca, uma vez que, nela tudo aquilo que está iluminado ganha protagonismo na cena (CUNHA, 2019). Utilizando ferramentas como o P&B, escalas de cinza e contraste, é possível observar que os pontos de maior fixação da imagem estão em regiões com pouca luz, como é o caso dos olhos, da boca e das sombras geradas pelo corpo de Elza, nessas mesmas marcas encontramos também elementos da subjetividade de quem se constitui pela maquiagem e pela performance Drag, mas que é bem mais que isso. Pensar na perspectiva da pele preta antes mesmo do clique, remonta à necessidade de quebrar um vínculo comercial e de exotificação em que se insere a fotografia quando não questionados os seus moldes racistas de criação artística. A pele preta, por si só, desloca a compreensão limitada do corpo Drag em pessoas brancas, que atendem aos padrões estéticos vigentes; é nela que encontramos os deslocamentos causados quando povo preto ocupa outros espaços. O trabalho que se preocupa em conhecer e propor uma nova forma de utilização das ferramentas fotográficas, como é o caso deste registro, abre um convite para a narrativa que vai além dos clarões de visibilidade (CUNHA, 2019). "O fervo seria então, toda espécie de manifestação ou evento que funde a celebração e bagunça com ideais políticos e de luta", afirma Willian Rosa Luchtemberg, em sua monografia "O Fervo Também é Luta: A Voz da Militância LGBT Através do Funk", publicada em 2017 (UTFPR). Diante desta perspectiva, levanta-se o fervo como mecanismo de reivindicação das múltiplas expressões de gênero e existência dentro da sociedade. Nesta fotografia o fervo se materializa nos detalhes da maquiagem, do anel, da unha e da mão que compõe a fotografia, trazendo os últimos retoques daquilo que promete ser o símbolo de uma subversão de representações binárias. Na carreira de Elza este movimento sempre esteve presente, seja nas suas apresentações ou no seu cotidiano fora dos palcos. Unindo tempo, pele e fervo, constrói-se uma narrativa que se aproxima de tudo aquilo que o artista conquistou durante sua caminhada pelos palcos da vida. É na intersecção destas três linhas que Elza de Brasil se faz presente na história da cultura Drag cuiabana.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Como exposto anteriormente, o trabalho fotográfico foi pensado para a construção visual da revista Fuzuê. Tendo a orientação da professora responsável pela disciplina "Jornalismo de Revista", o registro foi realizado durante um ensaio feito no estúdio do curso, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Para a realização do ensaio, foram mobilizados materiais como uma câmera Nikon D5100, iluminação própria do estúdio, além de maquiagem e figurino cedidos pelo próprio artista convidado. Ainda no processo de produção do ensaio, foi empregado um recurso sonoro para colaborar com a criação de uma esfera que reproduzisse os espaços por onde Elza já se apresentou, para isso, uma playlist foi criada com todas as referências musicais compartilhadas pelo artista em um contato anterior ao do encontro. Além de colaborar com a quebra de possíveis descompassos entre o fotógrafo e a pessoa fotografada, a música contribuiu para atingir as expressões estéticas desejadas, principalmente as das já referenciadas técnicas do Vogue New Way. O trabalho prático junto à Drag levou aproximadamente quatro horas de duração, entre a pré-produção e a desmontagem, com a participação de uma maquiadora já conhecida pelo artista. Após a realização do ensaio em estúdio, todas as fotos passaram por uma seleção criteriosa, que levou em consideração a potencialidade narrativa e de representação simbólica da revista e do tema em si. Com as imagens já selecionadas, o registro escolhido para compor este trabalho passou por um tratamento de correção e coloração, utilizando o Adobe Lightroom para evidenciar as marcas do tempo e os contornos característicos do corpo do artista. É importante ressaltar que o trabalho de edição constitui uma parte importante na construção imagética da fotografia aqui apresentada, pois é nela que evidenciamos a subversão da estética padronizada das capas de revista, com o intuito de ressaltar marcas e símbolos da trajetória do artista, tecendo também uma crítica à falta de diversidade na ocupação dos espaços de protagonismo. A produção e edição que se alinham a valores hegemônicos, que apagam rastros e reconstruem o visível nas capas, são desafiadas, reconfigurando relações de poder e sentidos sobre as marcas do tempo no corpo, ressaltadas em vez de minimizadas ou "corrigidas". Concluído o processo de pós-produção, a fotografia passou por uma avaliação da turma, que realizou outras funções dentro da construção da revista laboratorial, e foi aprovado para ocupar a capa do material final. O trabalho fotográfico gerou um movimento de reconhecimento entre outros artistas, após a publicação e circulação da revista Fuzuê. O tema foi pautado em um programa de TV, além de ser citado em colunas de jornais locais. Somando um impacto positivo para a cena artística, o registro cumpre sua função de resguardar a história de um movimento que atravessou gerações, eternizou laços afetivos e deu mais oportunidades para jovens LGBTQIA+ que viam na arte das Drag Queens a possibilidade de transgredir as barreiras imposta pelo preconceito. "Vocês vão ter que saber que nós fomos os embriões desta sociedade que hoje te permite ser o que você quiser. Não seremos esquecidas! Vocês vão ter que lembrar de nós", reivindica a drag Kaká Di Polly, em depoimento ao pesquisador Lucas Bragança e publicado no livro "Desaquendendo a História Drag no Mundo, no Brasil e no Espírito Santo", de 2018 (Ed. Independente). É com este valor de resgate histórico que se fundamenta o trabalho aqui exposto, enfatizando a importância dos artistas cujos os corpos políticos encontraram na cultura uma forma de resistir e propor mudanças. Nesta fotografia são destacadas as marcas do tempo deixadas na pele de quem viu no fervo uma nova possibilidade de existência, luta e expressão.